
As pulsões de morte e o enigma da compulsão de repetição (Freud e Lacan)

Rudolf Bernet



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2615>

DOI: 10.4000/cultura.2615

ISSN: 2183-2021

Editora

CHAM — Centro de Humanidades

Edição impressa

Data de publicação: 1 dezembro 2016

Paginação: 247-264

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Rudolf Bernet, « As pulsões de morte e o enigma da compulsão de repetição (Freud e Lacan) », *Cultura* [Online], vol. 35 | 2016, posto online no dia 15 fevereiro 2018, consultado a 10 dezembro 2020.
URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2615> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cultura.2615>

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 dezembro 2020.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

As pulsões de morte e o enigma da compulsão de repetição (Freud e Lacan)

Rudolf Bernet

N'est-ce rien que ce rien qui nous délivre de tout ?¹
Lieber will noch der Mensch *das Nichts* wollen, als
nicht wollen...²

- 1 *Jenseits des Lustprinzips*³ (1920) passa, a justo título, por ser o texto fundador da doutrina freudiana respeitante à pulsão de morte. Mas talvez não se tenha prestado suficientemente atenção ao facto de, em mais de metade, esta obra tratar, não das pulsões de morte e da sua oposição às pulsões vitais, mas da natureza *da pulsão em geral*. A “compulsão de repetição” (*Wiederholungszwang*), “o carácter conservador” ou tendência para voltar ao estágio anterior e a “mobilidade” da pulsão no processo primário respeitam portanto (quase) tanto às pulsões de vida como às pulsões de morte. *Para lá* abre assim uma porta que os textos ulteriores, com a sua insistência no dualismo fundamental entre os dois tipos de pulsões, se apressam em fechar, a saber a que dá sobre uma possível interpretação da pulsão de morte como essência originária de *qualquer* pulsão (mesmo sexual). É preciso não nos espantarmos (e ainda menos lamentarmos) que, em *Para lá*, “o princípio Nirvana” ou princípio de uma diminuição máxima da tensão pulsional constitua a formulação canónica do “princípio de prazer”, quer dizer ,aquele que se encontra o mais perto possível da realidade pulsional.⁴
- 2 Desta forma, as precisões que *Das Ich und das Es*⁵ (1923) e *Das ökonomische Problem des Masochismus*⁶ (1924) trazem à teoria freudiana da pulsão podem ser lidas como tentativas para limitar os estragos causados pela hipótese de uma pulsão de morte demasiado dominante e de um princípio de prazer identificado, pura e simplesmente, com o mecanismo desta pulsão de morte. É surpreendente, de facto, que nestes dois textos de 1923 e 1924, a compulsão (ou com-pulsão) de *repetição* (como carácter fundamental das pulsões de morte) desapareça *totalmente* em proveito único da pulsão de *agressividade* e de *destruição*. Esta pulsão agressiva é então invocada como uma pulsão específica que se opõe

a outra pulsão específica, a saber Eros ou pulsão de unificação da vida. A cada uma destas duas pulsões fundamentais e antagonistas é atribuída uma forma de prazer específico: o princípio de Nirvana às pulsões de morte, e o “ritmo” ou “escoamento temporal de uma modificação qualitativa” às pulsões sexuais. A trama de fundo das pulsões de morte já não é a de uma pulsão cega (quer dizer, sem “objecto” e sem “meta”) que repete indefinidamente um mesmo movimento mecânico, mas a de uma pulsão destruidora que é “domada” pela pulsão unificadora e de ligação (*Bindung*) de Eros. Enquanto em *Para lá* toda a história da vida e da sexualidade começa com a matéria inerte e as pulsões de morte, estas pulsões de morte, para os textos de 1923 e 1924, não representam mais do que o resíduo de uma pulsão de vida e de uma sexualidade enfraquecidas.

- 3 Os textos de 1923 e 1924 distinguem-se também do texto seminal de 1920 pela sua orientação mais clínica. A análise do sadomasoquismo ocupa neles um lugar importante, e são os enigmas de fenómenos clínicos que conduzem Freud a reflectir sobre a natureza de uma pulsão agressiva cujo “sadismo original” ou ainda o “masoquismo primário” constituem as formas mais espantosas. A perspectiva adoptada em *Para lá* é bem mais teórica e inscreve-se no seguimento das considerações “metapsicológicas” sobre a essência da pulsão que Freud tinha inaugurado em *Tribe und Triebschicksale* (1915).⁷ Debruçando-se sobre a natureza da pulsão *em geral*, *Para lá* aventura-se num terreno que ao fim e ao cabo é mais metafísico que clínico. Ao concentrarmo-nos aqui⁸ num texto de 1920 sobre *Para lá do Princípio de Prazer*, pôr-nos-emos com Freud perguntas a que será preciso chamar filosóficas, tais como: o que quer uma pulsão? de onde é que lhe vem a sua força excessiva? para que serve o mecanismo da repetição pulsional? porque é que a pulsão é reticente a qualquer forma de mudança e de novidade? As reflexões de Lacan sobre a natureza da repetição e da sua relação problemática com o princípio de prazer prolongam estas interrogações filosóficas de Freud. Afastam-se, no entanto, radicalmente do naturalismo freudiano ao optar pela concepção de um *sujeito* (e não somente de uma pulsão) que se situa *para lá do princípio de prazer*.

Freud sobre a repetição, o conservadorismo regressivo, o excesso e o niilismo da pulsão

- 4 Depois de ter procedido a um catálogo sistemático de todas estas diferentes formas de “desprazer” às quais a obra de 1920 deve o título: “Para além do princípio de prazer”, Freud escreve a propósito da com-pulsão de repetição: “Dela ainda permanece o suficiente para justificar a hipótese (do constrangimento?) de repetição (*Wiederholungszwang*), e esta aparece-nos como mais original, mais elementar, mais pulsional (*triebhafter*) do que o princípio de prazer que põe à distância”.⁹
- 5 Começamos portanto desde já por esta *compulsão* ou *constrangimento* de repetição (*Wiederholungszwang*) “demoníaco” que está no centro da teoria pulsional de *Para lá* e que os textos dos anos seguintes evacuaram depressa demais em proveito exclusivo da pulsão de agressividade ou de destrutividade que, em *Para lá*, ainda só representava a figura particular de uma pulsão de morte virada para um objecto exterior (ou sadismo primário). Levantemos a questão da forma como esta repetição se pode tornar, depois de nos ter sido apresentada como carácter de todas as pulsões, na marca distintiva da pulsão de morte. Será preciso pensar que existe uma espécie de energia pulsional, comum às pulsões de morte e às pulsões de vida, e que se caracterizaria por um pendor irreduzível

para a repetição? Ou cada uma destas duas formas de pulsões possui a sua própria forma de repetição? Existem várias formas de repetição com efeitos específicos ou uma só forma de repetição pulsional com efeitos aleatoriamente positivos e negativos? Os pesadelos repetitivos dos traumatizados da Primeira Grande Guerra, o jogo do neto de Freud que, repetidamente, atira e volta a apanhar a sua bobine e as repetições do neurótico na transferência analítica – estas três principais ilustrações de uma compulsão de repetição em *Para lá* – são portadores de uma mensagem quanto à natureza da repetição pulsional? Todas estas perguntas, Freud pô-las a si mesmo, de forma mais ou menos explícita e com respostas variáveis, nos textos que nos ocupam.

- 6 Para todos estes textos dos anos de 1920, uma pulsão é a vivência de uma exigência premente que empurra o sujeito para uma actividade (mesmo passiva) e que se lhe impõe desde o interior. O sujeito é submerso por esta força pulsional violenta, e só a custo de muitos esforços se lhe pode subtrair e lhe pode resistir. O lado “demoníaco” (*dämonisch*)¹⁰ desta pressão explica-se portanto tanto pela “angústia”¹¹ que o sujeito sente face a esta exigência pulsional como pelo carácter anónimo e repetitivo desta. Quer ceda a esta impulsão pulsional, quer lhe resista, o sujeito ficará em geral igualmente angustiado ou mesmo “aterrorizado”. É também por esta razão (e não só por causa das “neuroses de guerra”) que o modelo da neurose traumática se impôs a Freud na sua teoria da pulsão em *Para lá*.
- 7 Mas onde é que se situa a angústia neste célebre jogo de criança que Freud evoca, em *Para lá*, imediatamente depois do caso dos neuróticos de guerra e dos seus pesadelos repetitivos?¹² Freud di-lo claramente: a angústia da criança está relacionada com o início, com a partida da mãe, e renova-se cada vez que aquela se entretém a atirar um objecto para longe de si. O seu jogo repetitivo reitera portanto o traumatismo das ausências repetitivas da mãe, nas quais não tem qualquer mão e que o angustiam. A pobre criança parece assim apanhada num mecanismo doloroso de uma repetição a que está sujeito e a actividade do seu jogo parece ainda ser oriunda de uma repetição pulsional. O facto de este jogo se fazer (por vezes somente e mais particularmente no jogo da bobine atada a um fio que permite trazê-la a si) em dois tempos quer dizer que o “*fort*” (ao longe, que se foi embora) da mãe (ou da bobine que a simboliza) seja seguido por um “*da*” (aqui presente) não mudaria nada o seu carácter pulsionalmente repetitivo e maçador. Porque o “*da*” é sempre seguido de um “*fort*”, o último levaria sempre a melhor sobre o primeiro, e a criança continuaria a brincar ao “ter-partido” (“foi-se embora”) (*fortsein*).¹³
- 8 Freud ainda nos dá outra interpretação da brincadeira do neto. Pelo seu jogo (mesmo o que só consiste em atirar um objecto sem o trazer de volta a si de seguida), este tornar-se-ia senhor de uma situação dolorosa e a que está passivamente sujeito, assumindo um papel activo (atirar em vez de ser abandonado). A variante a dois tempos deste jogo permitiria de seguida à criança encadear a ausência dolorosa de um “*fort*” à presença alegre de um “*da*” que, além disso, só dependeria do seu próprio bel-querer. Freud fala mesmo do “prazer” de uma “vingança” para com uma mãe demasiado ausente e demasiado independente. Mas, antes de suspender as suas reflexões e portanto de se repetir (!), Freud acaba por confessar que continua a “hesitar” entre várias interpretações opostas deste jogo de criança, uma das quais insistiria na repetição da dor devido à ausência e outra no prazer do reencontro; uma na pulsão de “controlo” e de “dominação” (*Bewältigung, Beherrschung*)¹⁴ e a outra numa pulsão orientada para o prazer; uma num prazer sádico e outra num esforço de simbolização ou de “elaboração psíquica” (*seelische Bearbeitung*),¹⁵ etc.

- 9 O que pensar destas hesitações que Freud não costuma ter? Uma primeira resposta poderia inspirar-se naquilo que se segue imediatamente no texto de *Para lá*, no qual Freud introduz pela primeira vez “a compulsão de repetição” e ilustra-a pela maneira como o analisando repete na sua transferência sobre o analista os complexos neuróticos de que sofre em vez de se entregar a uma maçadora rememoração terapêutica. Quer isto dizer que o paciente prefere o desprazer da repetição ao desprazer da rememoração? Segundo Freud, é antes preciso compreender que a repetição do recalcado (assim como de qualquer sintoma neurótico) é acompanhada de uma satisfação pulsional que ao mesmo tempo é desagradável para o eu, quer dizer, para a instância que recalca. Será que o sistema do recalcado e o sistema do recalcante têm por consequência o seu próprio princípio de prazer, e será que o prazer de um deles se traduz automaticamente pelo desprazer de outro? A repetição ou o retorno do recalcado daria prazer à pulsão ou ao desejo recalcado e traria sofrimento ao eu neurótico. Esta versão está em acordo com a compreensão freudiana do sintoma neurótico como tentativa de para satisfazer ao mesmo tempo, *de tantos compromissos*, as exigências de prazer dos dois sistemas. Mas será verdadeiramente preciso concluir que a repetição neurótica e o retorno do recalcado obedecem a um princípio de prazer *sui generis*, quer dizer, puramente pulsional? Não seria mais justo e mais simples dizer que o princípio do prazer se aplica exclusivamente ao eu e se traduz pelo facto de este recalcar tudo o que é fonte de desprazer para ele? Neste caso o retorno e a repetição obedeceriam a um processo puramente pulsional de um cumprimento conseguido (ou impedido) e não ao princípio de prazer. Seria pois só face ao eu recalcante e ao seu prazer/desprazer que esta repetição pulsional se situaria “para lá” do princípio de prazer. Encarada do ponto de vista da própria pulsão, esta compulsão de repetição e a sua realização ou o seu impedimento situar-se-iam, pelo contrário, aquém do princípio de prazer. É efectivamente para esta solução que o texto de Freud parece orientar-se.
- 10 Parece razoável, no entanto, manter que existe, entre uma repetição pulsional e uma repetição que implica uma encenação simbólica, uma diferença essencial. Mas esta posição de princípio não exclui o facto perturbante de estas duas formas de repetição poderem conduzir a um mesmo resultado. Este resultado consiste na aquisição (*a posteriori*) de um controlo (diferido) sobre um evento desagradável e possivelmente defensivo do sujeito. Um tal domínio tardio implica um processo para o qual Freud usa a palavra *ligação* (*Bindung*). Se existem duas formas de repetição, deve portanto haver também duas formas de ligação em que uma se revela ser de ordem pulsional (ou do “real”, no sentido de Lacan) e outra de uma “elaboração psíquica” (*seelische Bearbeitung*) (para Freud) ou da ordem do “simbólico” (para Lacan). O que precisa de ser ligado é, para Freud, antes de mais toda a realidade da pulsão que se caracteriza por uma “mobilidade livre”.¹⁶ Mas, se esta “mobilidade” da pulsão é a marca da sua submissão às regras do “processo primário”,¹⁷ e se não existe uma forma de “ligação” propriamente pulsional, então já é preciso reconhecer à própria pulsão o poder de reter a mobilidade deste processo primário que, originariamente, a rege. Não será pedir demais à pulsão? Não – se a pulsão que liga e a pulsão que precisa de ser ligada forem duas pulsões diferentes. É efectivamente esta versão de uma ligação pulsional que tem a preferência de Freud, e é aliás a única versão guardada pelos textos de *O Eu e o Id*, bem como de *O Problema Económico do Masoquismo*. Segundo este cenário, a mobilidade das pulsões de morte está ligada e retida por meio da sua “união”, “mescla” ou “mistura” (*Mischung*) às pulsões de vida.

- 11 O que faz todo o interesse do nosso texto sobre *Para lá* é que encara a possibilidade de uma ligação de toda a pulsão por si própria – *por meio de um mecanismo de repetição pulsional!* É preciso não esquecer, com efeito, que tudo o que *Para lá* propõe acerca da repetição e da mobilidade (assim como sobre o “carácter conservador”) da pulsão se relaciona com todas as pulsões e não com as simples pulsões de morte. Nos pesadelos de repetição dos neuróticos de guerra, é portanto uma só e mesma pulsão que se repete e que se liga e fixa ao repetir-se. Se esta repetição equivale a uma tentativa de ter mão, *a posteriori*, sobre um evento traumático ao qual o sujeito foi exposto de forma imprevista, esta repetição nunca é pois devida a uma nova pulsão sexual ou a uma coloração libidinal suplementar (?) destes pesadelos. Não é a mudança, mas a repetição alucinatória do mesmo evento que supostamente cura as “feridas” psíquicas dos veteranos de guerra. Mas é igualmente verdade que esta repetição pulsional tanto volta a abrir e envenenar estas feridas como as cura! Quererá dizer que a repetição pulsional tem um carácter ambivalente, quer dizer, que quer ao mesmo tempo curar e envenenar? Não seria mais justo adiantar que a compulsão de repetição não quer nem curar nem fazer sofrer, porque não quer nada – a não ser o prolongamento indefinido do mecanismo da sua própria repetição? Isso significaria que a pulsão é, por natureza, totalmente *indiferente* quanto ao conteúdo da sua repetição e quanto aos resultados desta. Neste caso, o carácter quer positivo, quer negativo (ou os dois ao mesmo tempo, como é mais frequentemente o caso) destes dois resultados já não dependeria portanto da pulsão e do seu querer, mas das circunstâncias exteriores ou muito simplesmente do acaso. As ligações que a repetição pulsional efectua parecer-se-iam mais com trilhos cavados pela passagem frequente de uma mesma carga que a caminhos da liberdade. É de todo evidente que é esta hipótese que melhor concorda com a imagem que temos da pulsão. Mas, se esta pulsão, que é insolentemente indiferente a toda a meta e a todo o objecto, retoma indefinidamente o mesmo caminho e persegue incansavelmente o seu labor, de onde é que tira (então) energia para todos os seus esforços? Pergunta estúpida! Já que, para Freud, a pulsão não é mais nada do que a energia e, mais precisamente, *energia a mais* (virtual) que está perpetuamente à procura da sua ab-reacção (ou actualização) da sua tensão excessiva.
- 12 Todas as nossas reflexões levam à hipótese de que a repetição pulsional é o efeito de um excesso de energia pulsional que nenhuma realização conseguirá esgotar ou tão somente encetar. Quanto a nós, fazemos a escolha de *nunca confundir esta compulsão de repetição com a pulsão de morte*. Porque, se a pulsão de morte é aquela pulsão que tende para a abolição de toda a tensão pulsional (ou para a sua redução a zero), então esta pulsão de morte deve ser compreendida como uma tentativa (votada ao fracasso) de acabar, de uma vez por todas, com o regime tirânico e absurdo de uma pulsão cuja energia transbordante condena a um procedimento repetitivo, mecânico, estéril e indefinido. Ao ligar, depois de *Para lá*, a sorte da pulsão de morte com a do princípio de prazer,¹⁸ e ao precisar, em *O Problema Económico*, que este princípio de prazer (ou princípio de Nirvana) das pulsões de morte consiste na redução das tensões pulsionais a zero,¹⁹ Freud parece efectivamente ter procurado evidenciar uma pulsão de repetição que se distingue claramente das pulsões de morte e do seu princípio de prazer. É verdade que este prazer das pulsões de morte é um prazer tão extremo, que, comparado ao prazer temperado das pulsões libidinais, quase já não merece o nome de princípio de prazer (por esta razão, Lacan chamar-lhe-á “gozo”) e a meta das pulsões de morte parece assim situar-se “para lá” deste princípio. Mas não é menos verdade que a simples pulsão de repetição é desprovida de qualquer preocupação de prazer e que se situa, por esta razão, radicalmente *aquém* de todo o princípio de prazer.

Este posicionamento aquém dos princípios de prazer que se aplicam às pulsões de morte e às pulsões de vida sugere que a pulsão de repetição poderia constituir a raiz que lhes é comum ou pelo menos uma forma de energia que anima ambas. Contrariamente ao radicalismo das pulsões de morte, que procuram acabar, de uma vez por todas, com o regime tirânico da pulsão de repetição, as pulsões de vida tentariam canalizar o excesso de energia pulsional e transformar o mecanismo estéril da repetição numa flexibilidade benfazeja de um ritmo vital (como a respiração). Esta hipótese estaria aliás bem em acordo com a doutrina de *Sobre o Problema Económico*, segundo a qual pulsões de vida e pulsões de morte levam efectivamente a cabo um outro princípio de prazer.²⁰

- 13 Podemos portanto adiantar, sem temermos demasiado o engano, que a pulsão excessiva ou pulsão de repetição é o verdadeiro rosto desta energia pulsional neutra, “indiferente” e “versátil” de que, segundo *O Eu e o Id*, se alimentam as pulsões de vida e as pulsões de morte.²¹ Se quisermos compreender a verdadeira natureza da pulsão e o seu niilismo, é preciso portanto não nos determos na oposição entre as pulsões de morte e as pulsões libidinais, e ainda menos no contraste entre ódio e amor. É somente na compulsão de repetição que a pulsão se mostra na sua verdade inteiramente nua.
- 14 Uma segunda doutrina de *Para lá* que suscitou bastantes interrogações e controvérsias diz respeito à maneira como este texto liga o “carácter conservador” de toda a pulsão à sorte de um “regresso à morte” que (no melhor dos casos) só parece portanto poder aplicar-se às pulsões de morte.²² O facto de Freud aproximar esta tendência regressiva das pulsões e do seu pendor para a repetição acresce à perplexidade do seu leitor. As pulsões (mesmo as pulsões de vida?) dos vivos querem assim, todas, regressar à morte, e esta morte é uma questão (fonte ou efeito?) de repetição? Não existe portanto nenhuma pulsão que procure progredir e toda a progressão pulsional acaba por se virar sorrateiramente contra a vida para abarcar a fatalidade da morte?
- 15 Detenhamo-nos para já no primeiro ponto do raciocínio de Freud, quer dizer, na hipótese de “todas as pulsões orgânicas serem conservadoras, historicamente adquiridas e orientadas para a regressão, o restabelecimento do anterior [...]”.²³ Ao exprimir-se desta forma, Freud quer manifestamente opor-se a qualquer tentativa (junguiana?) de fazer da pulsão o princípio de um desenvolvimento espiritual. Para ele, uma pulsão não faz pressão, por si própria, para a mudança, e toda a mudança só se realiza “sob influência de forças perturbadoras (*störend*) externas”. Isto é válido para todas as pulsões, mesmo que as pulsões vitais ou sexuais se distingam das pulsões de morte por uma menor rigidez ou por uma maior plasticidade. As pulsões dos viventes não inventam portanto nada de novo, continuam e repetem o que fizeram sempre desde a noite dos tempos. Constituem de facto, na opinião de Freud, a parte mais arcaica da vida orgânica e funcionam segundo as regras rudimentares e ilógicas do processo primário.
- 16 Mas como é que se pode compreender, então, esta tendência “regressiva” das “pulsões” orgânicas, quer dizer, o seu cuidado em “reinstaurar um estado anterior”? É muito simples: desde que as circunstâncias externas forçaram as pulsões a desviar-se do seu percurso habitual e atávico, nunca mais deixaram de encontrar o seu percurso habitual! As pulsões comportam-se portanto, para Freud, como um elástico que se puxa e que, assim que se larga, regressa automaticamente (e mecanicamente) à sua forma primitiva. Mesmo que a energia do querer pulsional não se reduza sem dúvida a isto, compreende-se portanto facilmente esta hipótese de Freud, segundo a qual: “uma pulsão seria uma pressão inerente ao organismo dotado de vida com vista a instaurar de novo um estado anterior que este ser dotado de vida teve de abandonar sob influência de forças

perturbadoras externas, seria uma espécie de elasticidade orgânica ou, se quisermos, a manifestação da inércia na vida orgânica”.²⁴ Porque é que Freud quer então identificar esta “pulsão orientada para o restabelecimento de um estado anterior” com um regresso à morte e fazer deste regresso à morte “a meta” do “organismo dotado de vida” e de “toda a vida”? Eis a resposta: “a meta de qualquer vida é a morte e, ao voltar atrás, o sem vida (*das Leblose*) estava lá antes do vivente”.²⁵ Freud tenta corroborar esta afirmação altamente especulativa com uma longa série de argumentos não menos especulativos mas tirados de diversas teorias biológicas respeitantes à origem e à evolução da vida. Mas a sua intuição de base é muito simples: a origem da vida é devida a um acidente, quer dizer à acção (comparável a um traumatismo psicológico) de “forças perturbadoras externas” sobre uma matéria inanimada vulnerável, ou pelo menos insuficientemente protegida. Tirados involuntariamente do estado de “sem vida”, os viventes querem lá regressar, e este regresso ao sem vida, ou à morte, constitui a sua pulsão mais fundamental e que exerce maior pressão.

- 17 As dificuldades que pesam sobre esta hipótese freudiana de uma pulsão de *regresso* à morte que animaria as pulsões de vida tanto quanto as pulsões de morte são inúmeras. Em vez de nos determos nelas, tentemos precisar a forma como concebemos, do nosso lado, a relação entre *pulsão de repetição* e *pulsão de morte*. Se identificarmos a pulsão de morte com a procura de uma redução a zero da tensão pulsional, então a pulsão de morte deve ser distinguida, pelas razões que fizemos valer, da pulsão de repetição. Mas é preciso ainda que acrescentemos uma concessão segundo a qual, mesmo que a pulsão de repetição não tenha *por meta* este estado de tensão mínima que associámos à morte, pode muito bem ter *por efeito* um outro tipo de morte, a asfixia de toda a criatividade e portanto do sentido da vida. A pulsão de repetição, afinal, não é portanto menos mortífera que a pulsão de vida. Os humanos podem viver estando a morrer de tédio, e este tédio mortal pode ainda ser a consequência, ou de um (improvável) “gozo” que não deixaria mais nada que desejar, ou de uma vida atolada em repetições estéreis. Por outras palavras: a vida humana pode ser esvaziada da sua substância desejante e tornar-se uma vida de morte, quer por um esvaziamento de toda a energia pulsional, quer por um excesso de energia pulsional que mata o sentido da vida por insistência no seu movimento repetitivo. A verdade é que, nos dois casos, a morte da vida humana é efeito e não meta do movimento pulsional. Se portanto não existe pulsão que tenha a morte por meta, então mais vale dar-lhe uma nova significação. É esta última escolha que Freud vai fazer na continuação de *Para lá* e nos textos ulteriores, ao opor às pulsões unificadoras e criadoras da vida (“Eros”) as pulsões destruidoras e agressivas que ele continua a incluir, no entanto, nas “pulsões de morte”.

Lacan sobre a insistência da repetição que se situa para lá do princípio de prazer da homeostase

- 18 Dedicando-se longamente, no seu Seminário II (1954-1955) sobre *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica Psicanalítica*,²⁶ ao texto de *Para lá do Princípio de Prazer*, Lacan está no entanto longe de dissipar todas as perplexidades do leitor de Freud. Desta forma, procura-se em vão, no *Seminário II*, uma clarificação da relação que a pulsão de morte mantém com um princípio de prazer específico, ou então uma diferenciação entre a com-pulsão de repetição e a pulsão de morte. O *Seminário II* de Lacan também não diz nada sobre a “união” ou “mistura” (*Mischung*) e sobre a “desunião” ou “separação” (*Entmischung*) entre pulsões de vida e pulsões agressivas. Se um desvio por Lacan se impõe, no entanto, é

essencialmente por causa da sua nova compreensão da compulsão de *repetição* e pela maneira como a ordem simbólica se impõe a nós com os meios tomados ao “real” da economia pulsional e, mais precisamente, a uma “compulsão de repetição” (*Wiederholungszwang*) que perturba os fitos naturais do princípio de constância e que se situa portanto “para lá do princípio de prazer”. Isto é suficiente para que Lacan identifique esta compulsão de repetição com aquilo a que chama “instinto de morte” e para os opor conjuntamente ao princípio de prazer. Mesmo sob a forma do princípio de Nirvana ou princípio de redução da tensão pulsional a zero, o princípio de prazer não se aparenta portanto nunca, no que respeita ao *Seminário II*, a uma pulsão destruidora. Neste texto, Lacan parece de facto só reter da destruição a *destabilização* de uma organização natural da vida sobre a qual vela o princípio de prazer.

- 19 Tudo se passa portanto no *Seminário II* como se a pulsão de repetição (de que, nós também, reconhecemos o carácter mortífero) fosse a única forma possível de uma pulsão de destruição, como se toda a pulsão de destruição se opusesse radicalmente ao princípio de prazer, e como se o que se opõe ao princípio de prazer devesse necessariamente constituir uma figura do “instinto de morte”. Ligar, como fez Freud em *Para lá*, as pulsões de morte a uma tendência *natural* dos organismos vivos a regressar ao estado inanimado, constitui visivelmente, para Lacan, uma absuridade. Sem no entanto desconhecer a existência de tais mecanismos *naturais* de regressão e de repetição, tem-nos só como uma expressão do princípio de prazer ou princípio de constância ou Nirvana. Por outras palavras, uma repetição *natural* não é oriunda de uma pulsão de morte mas do princípio de prazer, e uma pulsão de morte implica uma repetição que contraria uma ordem natural das coisas e o seu princípio de prazer. Para melhor distinguir esta nova compulsão de repetição que vai para lá do princípio de prazer de uma repetição natural, Lacan dar-lhe-á o nome de “insistência” ou ainda de “repetição insistente”.²⁷
- 20 O *Seminário VII* de 1959-1960²⁸ vai aliás manter esta posição do *Seminário II* de 1954-1955, radicalizando-a, quer dizer, atribuindo à pulsão de morte não só um carácter não-natural e destruidor, mas fazendo da pulsão de morte a pulsão por excelência (o que abre então a via à concepção de um “gozo” destruidor que se situa para lá de todo o princípio de prazer). Toda a pulsão humana, pelo simples facto de não se reduzir nunca a um instinto natural, estaria portanto exposta à tentação de transgredir os limites do princípio de prazer. Esta nova concepção da pulsão de morte é aliás perfeitamente compatível com aquela que é proposta no *Seminário II* – na condição expressa, no entanto, de já não identificar só a pulsão de morte com o princípio de repetição (não natural) e de distinguir a pulsão destruidora que tende ao “gozo” de qualquer forma de princípio de prazer natural, mesmo que seja o princípio de Nirvana.²⁹
- 21 Toda a leitura que o *Seminário II* faz da teoria freudiana das pulsões de morte se situa, de facto, explicitamente na perspectiva do registo não-natural ou arbitrário do “simbólico” ou da “corrente dos significantes” e da maneira como este constitui o sujeito do desejo como um sujeito do inconsciente. Há pelo menos duas razões para isso. Em primeiro lugar, este *Seminário II* é, no essencial, dedicado à promoção da natureza simbólica do “sujeito” clivado do desejo e à desmontagem das ilusões geradas pela natureza imaginária de um “eu” autónomo e de uma “consciência” original e transparente. Em segundo lugar, Lacan não pára de clamar através de toda a sua obra que a dimensão do “real” ou do *natural*, à qual se ligam as pulsões humanas, nunca se manifesta directamente, quer dizer, sem o auxílio das estruturas *artificiais* ou convencionais. Para ele, a realidade pulsional só se dá “por intermédio” das construções imaginárias de um eu e dos actos de palavra de

um sujeito simbólico.³⁰ Mais precisamente, o pulsional manifesta-se na forma de algo que perturba as certezas do eu e que resiste à integração no “discurso comum”.

- 22 Mas estas duas razões, por válidas que sejam, são insuficientes. Porque Lacan poderia muito bem ter-se contentado em evidenciar as dificuldades de ordem metodológica às quais qualquer teoria das pulsões é confrontada. Quer claramente fazer mais do que isso, isto é, construir a *dramática de um conflito inultrapassável entre o pulsional e o simbólico*. Este drama de uma impossível reconciliação é-lhe tão querido, que não se incomoda em dar-nos, no *Seminário II*, duas versões que diferem substancialmente. Segundo a *primeira* versão, aquilo que se repete no seio da com-pulsão de repetição e que violenta o princípio de prazer ao repetir-se é um real (por exemplo o de um episódio traumático) ao qual falta a simbolização. A esta “insistência” repetitiva, o “eu” responde pela sua “resistência” e o “sujeito” por um silêncio forçado. Ambos sofrem portanto por serem perseguidos por uma repetição cega que lhes diz intimamente respeito e que se arrisca, por falta de aparato apropriado, a abarcá-los numa torrente de violência. De acordo com a segunda versão, o que insiste repetindo-se não é oriundo do real mas, pelo contrário, do inconsciente simbólico e da sua tentativa de ser reconhecido por um eu ancorado nas certezas imaginárias. Este regresso do recalcado não é menos doloroso do que a repetição de lembranças traumáticas, já que o que se repete desta forma através da repetição sintomática de um (conjunto de) significante(s) não tem nenhum sentido para o eu.³¹ As duas formas de repetição – a do real que insiste para entrar na estrutura simbólica do sujeito e a do simbólico que envenena a vida do eu imaginário – têm em comum uma forma de *insistência* repetitiva que o eu vive como uma ameaça e que se situa “para lá do princípio de prazer”, já que este último se caracteriza, segundo Lacan, por um processo *natural* que consiste em procurar um estado de “homeostase” ou de equilíbrio do ser vivo (e do eu).³² Nas duas versões, por fim, a insistência repetitiva é identificada por Lacan à força destruidora do “instinto de morte”. (À primeira vista, nada parece assim mais estranho a Lacan do que a nossa hipótese – directamente inspirada por Freud – segundo a qual o princípio de prazer, no sentido de o princípio de Nirvana, também ser oriundo de uma pulsão de morte que quer pôr fim às exigências excessivas e às estéreis repetições de uma pulsão incansável e niilista cuja única meta consiste em se conservar através de um movimento indefinidamente recomeçado.)
- 23 Como compreender que, para Lacan, a *com-pulsão de repetição* só possa ser destruidora (e confundir-se assim com a pulsão de morte)? Lacan distingue no entanto, como vimos, duas formas diferentes de repetição.³³ Poderia muito bem ter feito, como nós, a distinção entre uma repetição reparadora, que permite a simbolização de uma vivência penosa, e uma repetição estéril e destruidora. Se dá as cartas de outra maneira, é porque para ele a repetição reparadora permanece “restabelecedora” e portanto puramente *natural*, quer dizer, corresponde a uma tentativa do organismo, ou da “máquina” viva, para reencontrar um estado de equilíbrio ou de “homeostase”. Quer dizer que, para Lacan, a ‘boa’ repetição não se situa só do lado do princípio de prazer ou princípio de constância, mas corresponde também ao carácter “conservador” da pulsão. A repetição asseguradora confunde-se portanto para ele com um princípio de prazer que se inspira nas forças conservadoras da “inércia” e que pode ainda tomar a forma dupla quer de um princípio de constância, quer de um princípio de redução da tensão pulsional a zero.³⁴ Esta repetição natural e restitutiva não constitui assim nunca uma *compulsão* (*Zwang*) de repetição que se dirige a um sujeito humano e que força este a ultrapassar os limites do princípio de prazer.

- 24 Não se atrapalhando já de todo com as preocupações de Freud no que respeita à origem da vida e da sexualidade a partir da matéria inanimada, Lacan situa portanto de início a problemática da repetição ao nível da *diferença antropológica*, quer dizer, da diferença entre as “máquinas vivas” e uma “existência” especificamente humana. Acrescentando à concepção freudiana da “inércia” dos sistemas vivos a dimensão dinâmica da investigação de um estado de equilíbrio ou de “homeostase”, entende que a tendência natural de um organismo perturbado a regressar a um estado de tranquilidade é a expressão mais característica de um princípio de prazer. Esta pulsão natural do sistema vivo rumo à “restituição” de um estado de equilíbrio nunca se confunde, portanto, em Lacan, com uma pulsão de morte que teria o sentido de uma vontade natural do vivente (do que é vivo) em regressar a um estado de matéria inanimada, quer dizer, em querer morrer. O prazer de morrer ou morrer de prazer, eis o que há de mais estranho às máquinas vivas da ordem biológica! Já que o prazer procurado pelos organismos vivos nunca é excessivo, resume-se pelo contrário a uma vida sob controlo e sem embaraços. Quando, apesar de tudo, uma dificuldade se apresenta que ultrapassa as suas forças, preferem regressar ao ramerrão do seu modo de vida habitual. Pode portanto falar-se, para os vivos, de um princípio de prazer que consiste em procurar a restituição de um modo de vida serenamente (ou estupidamente) repetitivo:

[...] se há seres vivos, é enquanto há uma organização interna que tende até um certo ponto a opor-se à passagem livre e ilimitada de forças e de descargas energéticas tais, que podemos supor, de uma forma puramente teórica, como cruzando-se numa realidade inanimada. Há uma área fechada no interior da qual um certo equilíbrio é mantido como efeito de um mecanismo ao qual agora se chama homeostase, o qual amortece, tempera a irrupção das quantidades de energia vindas do mundo exterior. [...] Temos dele uma ideia a um nível muito elementar, com a pata de rã. Não só há descarga, mas movimento de retracção – o que atesta o funcionamento ainda muito primitivo de restituição, de equilíbrio da máquina. Freud não tem o termo homeostase, emprega o de inércia, e há aqui eco do fechnerismo. [...] Há uma função restabeecedora, que é a do princípio de prazer.

35

- 25 Os *humanos*, pelo contrário, por mais que sonhem com as delícias homeostáticas de uma vida animal sem histórias, são radicalmente e constitutivamente inaptos para esta. É por isso, segundo Lacan, que a sua existência os leva sempre, de uma forma ou de outra, “para lá do princípio de prazer”. Tomemos o exemplo deste evento perturbador e *causador de desequilíbrio* por excelência que é um traumatismo psíquico. Nunca se recupera de um trauma regressando ao modo de vida mais sereno que o precedeu, quer dizer, como se de nada fosse. Não é que não se *queira* esquecer, é que não se pode esquecer. As lembranças (ou marcas psíquicas) que se relacionam com o evento traumático são demasiado *insistentes* para o permitir: a “insistência repetitiva”³⁶ ou a “reprodução”³⁷ destas lembranças são o perfeito contrário da “restituição” de uma vida tranquilamente repetitiva. Esta insistência repetitiva não só não repara nada, como torna doente – com uma doença de que os humanos têm o triste privilégio. O que os torna doentes é o não poderem situar-se em relação a estas lembranças insistentes e repetitivas, é não poderem integrá-las num modo de vida que, precisamente por causa do seu carácter simbólico, não tem nada de repetitivo. Entramos portanto num círculo vicioso: quanto menos conseguimos dar-lhes um lugar na nossa vida, mais as lembranças traumáticas se tornam insistentes para reivindicar este lugar.
- 26 A reacção mais natural face a esta reivindicação insistente e repetitiva é tapar as orelhas. É a reacção do *eu* que defende dessa forma o princípio de prazer ou de constância que

governa a sua existência. Tal como as máquinas vivas, o eu procura (preservar ou restabelecer) o seu equilíbrio homeostático e a sua tranquilidade de espírito. Diferentemente das máquinas vivas, o eu tem no entanto a capacidade de “resistir” às perturbações demasiado insistentes e demasiado repetitivas. É portanto preciso distinguir esta resistência do eu de uma repetição insistente da força de “inércia” dos sistemas orgânicos.³⁸

- 27 O que insiste junto do eu e a que o eu resiste é tudo aquilo que pode *abalar* a imagem asseguradora que fez de si próprio. O que perturba o eu e perturba o prazer narcísico que encontra em ser tal como é pode vir tanto do real como do simbólico. É portanto no eu que se cruzam as duas versões da insistência repetitiva que acima mencionámos, que são a lembrança de um evento real traumático e o inconsciente simbólico recalçado que vem à (má) lembrança do eu.³⁹ O lembrete insistente do facto de não ser “nada” mais do que um efeito da corrente dos significantes⁴⁰ não é menos perturbador para o eu do que as lembranças traumáticas que o acediam. Duplamente ameaçado ou ameaçado em duas frentes, o eu mobiliza todos os meios de defesa. Por entre estes, o recalçamento e a repetição na transferência analítica ocupam um lugar de destaque. O que o eu defende ao resistir, ao recalcar e ao repetir, é ao fim e ao cabo sempre o seu prazer narcísico ou “imaginário” ameaçado.
- 28 Um “para lá do princípio de prazer”, no entanto, relaciona-se sempre, segundo Lacan, quer com o “real” quer com o “simbólico”, e exprime-se na forma de uma “insistência repetitiva”. Devem por isso existir duas formas da pulsão de morte em que cada uma se caracteriza pela sua própria forma de repetição. Ao lado da repetição (das lembranças traumáticas) que provém de uma insistência do real para entrar no simbólico, há uma repetição (do recalçado) que é o sintoma de uma insistência do inconsciente simbólico em fazer-se reconhecer pelo eu imaginário. Olhando mais de perto, parece que é só esta última forma de repetição que representa, aos olhos de Lacan, o verdadeiro sentido do “instinto de morte” segundo Freud. A verdadeira pulsão de morte confunde-se portanto, para Lacan, com a insistência repetitiva da ordem simbólica desconhecida, “mascarada”, “muda” e “não realizada” do inconsciente junto de um eu cativo de um princípio de prazer. Esta interpretação da pulsão de morte está perfeitamente em acordo e é sem dúvida até inspirada pela concepção lacaniana, segundo a qual a constituição de um sujeito simbólico equivale à “morte” do eu. Nem sequer é certo, aliás, que para Lacan se trate ainda, nesta insistência repetitiva da “ordem” simbólica junto do eu, de uma verdadeira pulsão – de tal forma “todas as pulsões” só são oriundas para ele da “ordem libidinal” e “da vida”. É talvez por esta razão que Lacan, depois de ter militado tanto por uma tradução do “Trieb” freudiano por “pulsão” (em vez de por “instinto”), continua a falar de “instinto de morte”. Em todo o caso, eis os últimos reparos com que Lacan conclui o seu *Seminário II* de 1954-1955:

É aqui que desembocamos na ordem simbólica, que não é a ordem libidinal em que se inscrevem tanto o eu como todas as pulsões. Tende para lá do princípio de prazer, para fora dos limites da vida, e é por isso que Freud o identifica com o instinto de morte. [...] E o instinto de morte é só a máscara simbólica, enquanto – diz Freud – é mudo. [...], quer dizer enquanto não é realizado. [...] A ordem simbólica simultaneamente não sendo e insistindo para ser, eis o que Freud tem em mente quando nos fala do instinto de morte como aquilo que há de mais fundamental – uma ordem simbólica em gestação, vindo, insistindo para ser realizada.⁴¹

- 29 Lembremos que, no que nos respeita, fizemos outra escolha. Porque para nós “a pulsão” não tem nada de particularmente “libidinal”, e se demos alguns sinais de reticência face à concepção freudiana das “pulsões de morte”, nunca foi para contestar o seu carácter pulsional, mas para insistir no facto de elas não deverem ser confundidas com a pulsão de repetição. É, de facto, esta última, com o seu excesso de energia, o seu movimento indefinido e estéril, a sua meta puramente formal e niilista, que representa para nós a pulsão por excelência. O movimento obstinado de uma repetição mecânica na qual se afirma e se confirma uma força pulsional de que nenhuma actualização esgotará toda a potência virtual – eis o que constitui para nós o rosto mais original e mais despojado da pulsão. Esta pulsão está-se nas tintas para a morte ou para a sobrevivência de um organismo vivo bem como do princípio de prazer. A morte não lhe interessa mais do que a vida. Mas continua a ser verdade, será preciso dizê-lo?, que, situando-se aquém de toda a clivagem pulsional, esta pulsão pura ou pulsão de repetição concentra em si todo o poder maléfico e mortífero que acarretam as outras pulsões que a acompanham.⁴²

NOTAS

1. CLAUDEL, Paul, *Le Soulier de satin*, Théâtre II, Paris, Gallimard, La Pléiade, 1956, p. 661.
2. NIETZSCHE, Friedrich, *Zur Genealogie der Moral*, III, § 28.
3. G. W. XIII, pp. 1-69. Tradução francesa de J. Altounian, A. Bourguignon, P. Cotet, A. Rauzy; *Au-delà: du principe de plaisir* (citado como: “Para lá”), in FREUD, Sigmund, *Œuvres complètes*, vol. XV (citado como: “O. C. XV”), Paris, PUF, 2002, pp. 273-338.
4. Cf. LACAN, Jacques, *Le Séminaire, livre II* (citado como “S II”), *o Eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica – 1954-1955*, Paris, Editions du Seuil, 1978, p. 107; “Le principe du plaisir, c’est que le plaisir cesse.” [O princípio de prazer é que o prazer cessa.]
5. G. W. XIII, pp. 235-289. Tradução francesa de C. Baliteau, A. Bloch, J.-M. Rondeau; *Le Moi et le ça*, in FREUD, Sigmund, *Œuvres complètes*, vol. XVI (citado como: “O. C. XVI”), Paris, PUF, 2003, pp. 255-301.
6. G. W. XIII, pp. 369-383. Tradução francesa de A. Bourguignon, C. v. Petersdorff; *Le Problème économique du masochisme*, in FREUD, Sigmund, *Œuvres complètes*, vol. XVII, Paris, PUF, 1992, pp. 9-23.
7. G. W. X, pp. 209-232. Tradução francesa de J. Altounian, A. Bourguignon, P. Cotet, A. Rauzy; “Pulsions et destins de pulsions”, in S. Freud, *Œuvres complètes*, vol. XIII, Paris, PUF, 1988, pp. 161-185.
8. Para um apanhado mais completo da teoria freudiana da pulsão, permito-me remeter para BERNET, Rudolf, *Force – Pulsion – Désir*, Paris, Vrin, 2013, sobretudo pp. 183-295 e 333-387.
9. G. W. XIII, p. 22; O. C. XV, p. 294.
10. G. W. XIII, pp. 20, 36, 37, etc.; O. C. XV, pp. 292, 306, 308, etc.
11. G. W. XIII, p. 32; O. C. XV, p. 303.
12. G. W. XIII, pp. 11-15; O. C. XV, pp. 284-288.
13. G. W. XIII, p. 12; O. C. XV, p. 285.
14. G. W. XIII, p. 36; O. C. XV, p. 306 sq.
15. G. W. XIII, p. 15; O. C. XV, p. 288.

16. G. W. XIII, p. 35; O. C. XV, p. 305: “Talvez não consideremos demasiado ousada a hipótese de que as moções ou impulsões (*Regungen*) que emanam das pulsões não são conformes ao tipo do processo nervoso ligado, mas ao do processo nervoso livremente móvel, levando à descarga ou abreação (*Abfuhr*).”
17. G. W. XIII, p. 35 sq.; O. C. XV, p. 306.
18. G. W. XIII, p. 69; O. C. XV, p. 337: “O princípio de prazer parece estar ao serviço das pulsões de morte.”
19. G. W. XIII, p. 372; O. C. XVII, p. 12: “[...] o princípio de Nivâna [...] estaria totalmente ao serviço das pulsões de morte [...]”
20. G. W. XIII, p. 372 sq.; O. C. XVII, p. 12. Voltaremos mais tarde a esta doutrina, que representa, aos nossos olhos, um avanço teórico capital de Freud.
21. G. W. XIII, p. 272 sq.; O. C. XVI, p. 287: “Procedemos como se houvesse na vida da alma [...] uma energia móvel que, em si indiferente, pode juntar-se a uma moção qualitativamente diferenciada, erótica ou destruidora, e aumentar o seu nível de investimento global. Sem a hipótese de uma tal energia móvel, não chegamos absolutamente a lado nenhum.”
22. G. W. XIII, pp. 39-41; O. C. XV, p. 309 sq.
23. G. W. XIII, p. 39; O. C. XV, p. 309.
24. G. W. XIII, p. 38; O. C. XV, p. 308. Não se deve, portanto, confundir esta “elasticidade” de todas as pulsões com a *plasticidade* que é só das pulsões de vida!
25. G. W. XIII, p. 40; O. C. XV, p. 310.
26. LACAN, Jacques, *Le Séminaire, livre II, op. cit.*
27. S II, p. 79 e *passim*.
28. LACAN, Jacques, *Le Séminaire, livre VII* (citado como “S VII”), *L'Éthique de la Psychanalyse – 1959-1960*, Paris, Editions du Seuil, 1986.
29. S VII, p. 250 sq.: “[...] o que [...], acerca da pulsão de morte, vos era articulado como ponto de cisão entre, por um lado, o princípio de Nirvana, ou de aniquilação – na condição de se relacionar a uma lei fundamental que poderia ser identificada ao que a energética nos apresenta como tendência ao regresso a um estado, que, se não for de repouso absoluto, é pelo menos de equilíbrio universal – e, por outro lado, a pulsão de morte. [...] A pulsão como tal, e porquanto é, então, pulsão de destruição, deve estar para lá da tendência de regresso ao inanimado. O que é que ela pode ser? – a não ser uma vontade de destruição directa [...]”
30. S II, p. 122: “O que vos ensino [...] é que este real, não temos nenhuma outra maneira de o apreender senão – em todos os planos, e não só no do conhecimento – por intermédio do simbólico.”
31. Quer o eu esteja exposto a palavras que se repetem de uma forma obsessiva e que, ao repetirem-se a despeito dele, acabam por perder qualquer sentido, quer esteja exposto a um esquecimento repetitivo dos mesmos significantes não faz aliás diferença nenhuma.
32. S II, p. 78 e *passim*.
33. S II, p. 85: “Há [...] uma ambiguidade no uso do termo *Wiederholungswang*. Há dois registos que se entrecruzam, se entrelaçam, uma tendência para a restituição e uma tendência repetitiva [...]”
34. S II, p. 102: “O grau mais baixo da tensão pode querer dizer duas coisas, todos os biólogos estarão de acordo, segundo se trate do mais baixo tendo em conta uma certa definição do equilíbrio do sistema, ou do mais baixo puro e simples, quer dizer, no que respeita ao ser vivo, a morte.”
35. S II, p. 78 sq.
36. S II, p. 241: “O que está para lá do princípio de prazer é expresso no termo *Wiederholungszwang*. [...] creio dar-vos um equivalente [...] com a noção de *insistência*, de insistência repetitiva, de insistência significativa.”
37. S II, p. 81 sq.

38. S II, p. 246: “[...] creio ter dado a sentir na última vez a diferença que existe entre a insistência e a inércia. [...] A resistência, no sentido de *Widerstand*, [...] não se deve procurar a não ser em nós-próprios. [...] Ao nível da inércia, não há, em parte nenhuma, resistência.”

39. S II, p. 369 sq.: “[...] do lado do que está recalcado, do lado do inconsciente, não há nenhuma resistência, só há uma tendência para se repetir. [...]. A linha de clivagem não passa entre o inconsciente e o consciente, mas entre, por um lado, algo que é recalcado e só tende a repetir-se, quer dizer a palavra que insiste, esta modulação inconsciente de que vos falo, e algo que se lhe opõe, por outro lado, e que está organizado de uma outra forma, que é o eu. [...] vereis que o eu está rigorosamente situado como sendo da ordem do imaginário.”

40. S II, p. 113: “Eis o que é o princípio de repetição tal como o vemos surgir para lá do princípio de prazer, vacila para lá de todos os mecanismos de equilíbrio, de harmonização e de acordo no plano biológico. Só é introduzido pelo registo da linguagem, pela função do símbolo, pela problemática da questão na ordem humana.”

41. S II, p. 375.

42. Cf. LACAN, Jacques, *Écrits*, Paris, Editions du Seuil, 1966, p. 848: “Toda a pulsão é virtualmente uma pulsão de morte.”

RESUMOS

Uma leitura atenta de *Para lá do Princípio de Prazer* de Freud sugere que o mecanismo da repetição cega, a oposição a toda a mudança e uma vontade niilista em afirmar o seu próprio poder excessivo caracterizam todas as pulsões. O que distingue as pulsões de morte das outras pulsões deve ser procurado noutra coisa, tal como uma forma particular de prazer ou destruição agressiva. Apesar do seu regresso a Freud, Lacan dá conta de uma nova imagem do mecanismo de repetição. Quer aquilo que se repete seja a expressão de um trauma quer seja de um desejo inconsciente, a repetição ameaça sempre o princípio de prazer e a sua gestão por um ego imaginário. Para Lacan, a repetição descontrolada apela insistentemente à instituição de um sujeito cujo desejo simbolicamente determinado se situa para lá do curso natural de um princípio de prazer.

A close reading of Freud's *Beyond the Pleasure Principle* suggests that the mechanism of blind repetition, the opposition to all change and a nihilistic will to affirm its own excessive power characterize all drives. What distinguishes death-drives from other drives must be sought in something else, such as a special kind of pleasure or destructive aggression. Despite his return to Freud, Lacan presents a different picture of the mechanism of repetition. No matter whether what insistently repeats itself is the expression of a trauma or of an unconscious desire, repetition always threatens the pleasure principle and its management by the imaginary ego. For Lacan uncontrolled repetition insistently calls for the institution of a subject whose symbolically determined desire situates itself beyond the natural course of a pleasure principle.

ÍNDICE

Keywords: Freud, Lacan, death-drive, pleasure-principle, repetition

Palavras-chave: Freud, Lacan, pulsão de morte, princípio de prazer, repetição

AUTOR

RUDOLF BERNET

KU Leuven; Husserl-Archives: Centre for Phenomenology and Continental Philosophy, Bélgica.

rudolf.bernet@hiw.kuleuven.be

Professor Aposentado de Filosofia na Universidade de Leuven (Bélgica) e Presidente dos Arquivos Husserl. Como professor convidado, ensinou em numerosas universidades da Europa, da América e da Ásia. Também tem uma formação em psicanálise freudiana. As suas principais áreas de interesse são: a fenomenologia, a antropologia filosófica, a metafísica e a estética. Entre os seus livros, incluem-se: *An Introduction to Husserlian Phenomenology* (com I. Kern e E. Marbach) (Northwestern UP: 1993), *La Vie du sujet* (PUF: 1994), *Conscience et existence* (PUF: 2004), *Force-Pulsion-Désir* (Vrin: 2013). Publicou mais de duzentos artigos e faz parte do conselho editorial de várias revistas filosóficas e psicanalíticas.

Emeritus Professor of Philosophy at the University of Leuven (Belgium) and President of the Husserl Archives. As a guest professor he taught at numerous universities in Europe, America and Asia. He also has training in Freudian psychoanalysis. His main areas of research are: phenomenology, philosophical anthropology, metaphysics and aesthetics. Bernet's books include: *An Introduction to Husserlian Phenomenology* (with I. Kern and E. Marbach) (Northwestern UP: 1993), *La Vie du Sujet* (PUF: 1994), *Conscience et Existence* (PUF: 2004), *Force-Pulsion-Désir* (Vrin: 2013). He has published more than 200 articles and is a member of the editorial board of several philosophical and psychoanalytic journals.